

**AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR: PROBLEMATIZANDO AS VOZES DOS/AS ESTUDANTES DO
ENSINO MÉDIO**

*Eixo Temático 30– Práticas Corporais: Diálogos com Gênero, Corpo e
Sexualidade*

Ana Paula da Silva Santos ¹

RESUMO

Gênero, aqui entendido como construção social, tem sido moldado a partir de padrões que colocam em desigualdade as relações entre os sujeitos. A escola tem desempenhado um importante papel na reprodução de estereótipos que perpetuam visões de masculinidades e feminilidades responsáveis por preconceitos e discriminações. A partir de entrevistas coletivas, este estudo buscou analisar como estudantes do ensino médio de uma escola pública da zona oeste do Rio de Janeiro percebem as questões de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física. Foi possível concluir que as desigualdades de gênero persistem produzindo e reproduzindo distinções e subalternidades no espaço da Educação Física escolar.

Palavras-chave: Gênero; Educação Física escolar; Ensino médio.

INTRODUÇÃO

Atualmente, tensões e desafios das mais diversas matizes, impulsionam reflexões sobre o papel da escola na construção de uma sociedade justa e democrática. No âmbito da educação, há uma disputa entre posições conservadoras e movimentos de reconhecimento de diferentes grupos culturais, especificamente aqueles inferiorizados e subalternizados na nossa sociedade. Neste contexto, as questões relacionadas à gênero e sexualidade vem ocupando um lugar de destaque nas salas de aulas, recreios, salas de professores/as, pátios, ou seja, em toda a escola.

No caso da Educação Física, nem sempre encontramos um repertório de gestos e práticas corporais que contemple os diferentes gêneros e sexualidades, o que corrobora

¹ Doutora em Educação (PUC/RIO), Professora da UNESA e SME Duque de Caxias/RJ, apss.sol@gmail.com.

em muitas situações para a reprodução e construção de preconceitos e discriminações de ordens diversas.

A existência deste componente curricular tem se legitimado, ao longo dos anos, a partir de vieses higienistas, militaristas e esportivizantes, o que implica, muitas das vezes, no apagamento e silenciamento das diferenças (NEIRA; NUNES, 2009).

A partir da realização de entrevistas coletivas, este estudo teve como objetivo compreender como os/as estudantes de ensino médio de uma escola pública da zona oeste do Rio de Janeiro percebem as questões relacionadas à gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física.

Defendemos que educadores/as comprometidos com a justiça e igualdade das relações devem refletir sobre certas práticas educativas distintas segundo um padrão de ser feminino e ser masculino e possibilitar vivências corporais acessíveis a ambos os gêneros acompanhado de uma intensa discussão tentando superar e combater preconceitos reconhecendo que as diferenças biológicas não são suficientes para determinar a dominação entre os gêneros.

Deste modo, adotamos como pano de fundo teórico a educação intercultural proposta por Candau (2011). Tal perspectiva, segundo a autora, supõe a inter-relação entre os diferentes grupos culturais, se propõe a conceber a cultura em um contínuo processo de construção e reconstrução, caminha no sentido de não fixar os sujeitos em determinados padrões culturais engessados e reconhece que na sociedade os processos de hibridização cultural são intensos e formadores de identidades plurais.

Neste sentido, o estudo se organiza da seguinte forma: inicialmente discute a importância do debate de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física, em seguida possibilidades de diálogo entre os estudos de gênero na Educação Física e a Educação intercultural, em um terceiro momento a metodologia e análise dos dados gerados e, por fim, algumas considerações finais.

Gênero, sexualidade e Educação Física: um debate necessário

Gênero, neste estudo, segundo Scott (1995, p.72) é conceituado como “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. Para a autora, comportamentos, atitudes ou traços da personalidade são construídos em uma dada cultura e em um determinado momento histórico, definindo características femininas e

masculinas e diferenciando-as umas das outras conforme o papel que desempenham na sociedade. Nesse contexto, Scott (1995) busca, a partir do conceito de gênero, contrapor as noções essencialistas do masculino e feminino que posicionam as mulheres em um lugar de subalternização em relação ao homem, que é visto como sujeito central e universal nas relações sociais.

Para Goellner (2003), entender gênero como construção cultural leva a reflexão que as representações de homens e mulheres são diversas e plurais, não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade.

Neste sentido, apoiando-se em perspectivas que concebem a cultura como campo de luta e validação de significados que se produzem sentidos múltiplos de masculinidades e feminilidades, noções simplistas e universais passam a ser desestruturadas (LOURO, 2003).

A Educação Física, foco deste estudo, também é dotada de práticas culturais que reproduzem as desigualdades de gênero e sexualidade, normatizando modos de ser e agir dentro de um padrão de identidade masculina, branca e de classe média. Os critérios de seleção de conteúdos, a organização dos espaços destinados às vivências e as posturas e linguagens adotadas pelos meninos e meninas são exemplos do cotidiano escolar onde as diferenças de gênero se mostram explícitas (SARAIVA, 2005).

Ao investigarem a prática docente em uma escola, Altmann, Ayoub e Amaral (2011), analisaram como os gêneros perpassam o cotidiano das aulas de Educação Física, especialmente em se tratando de planejamento de aulas e seleção de conteúdos. Tais autoras apontam que as questões de gênero não são consensuais entre os/as professores/as de Educação Física: se por um lado alguns professores/as defendem as vantagens e a importância de se trabalhar com “turmas mistas”, outros ainda defendem a separação, reafirmando a ideia, muito recorrente na área da educação, de que trabalhar com grupos “homogêneos” facilitaria o desenvolvimento das aulas, diminuindo conflitos e tensões provenientes da diversidade das relações.

Estudos de gênero na Educação Física: articulações com a Educação intercultural

Na intenção de compreender tais questões, compartilhamos com as ideias de Candau (2011) referente, ao multiculturalismo aberto ou perspectiva intercultural crítica como uma modalidade da educação multicultural. Segundo a autora citada, a perspectiva

intercultural constitui uma tarefa complexa e desafiante, que vem se inserindo paulatinamente no âmbito educacional.

Tal perspectiva supõe a inter-relação entre os diferentes grupos culturais, se propõe a conceber a cultura em um contínuo processo de construção e reconstrução, caminha no sentido de não fixar os sujeitos em determinados padrões culturais engessados e reconhece que na sociedade os processos de hibridização cultural são intensos e formadores de identidades plurais. A consciência dos mecanismos de poder que perpassam as relações culturais constitui outra característica importante da perspectiva intercultural na visão de Candau (2011), pois são construídas na história, e, portanto, atravessadas por questões de poder, resultando em relações fortemente hierarquizadas, marcadas pela discriminação e pelo preconceito de grupos marginalizados na sociedade.

Educar na perspectiva intercultural implica, portanto, em uma clara e objetiva intenção de promover o diálogo e a troca entre os diferentes grupos culturais cujas identidades, consideradas abertas e em permanente construção e reconstrução.

Deste modo, a abordagem intercultural que adotamos se torna fundamental para construção de relações igualitárias e desprovidas de preconceitos, na medida em que favorece a integração e o reconhecimento cultural entre os diferentes sujeitos, seus gêneros e sexualidades diversas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Realizamos 6 entrevistas coletivas com a participação de 8 a 10 alunos/as em cada entrevista. A intenção foi compreender as percepções acerca das questões de gênero e sexualidade, como elas são representadas na escola e na Educação Física e como que os/as professores/as de Educação Física lidam com tais questões.

As entrevistas coletivas, segundo Gaskell (2014), se constituem por interações sociais que podem estimular os participantes a falar e reagir em relação ao que os outros participantes do grupo dizem. A ideia da utilização das entrevistas coletivas no presente estudo se fundamenta no sentido de perceber confluências e divergências, bem como, explorar a diversidade de opiniões, atitudes e comportamentos entre os/as alunos/as sobre o tema em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao abordar o tema gênero e sexualidade, perguntamos aos/às estudantes sobre suas percepções acerca do preconceito existente em nossa sociedade.

A sociedade já impõe uma coisa pra você, você já nasce sendo machista...homem tem que gostar de azul, menina de rosa (aluno do 2º ano).

A nossa sociedade é muito preconceituosa...mas alguns movimentos agora, tipo...LGBT contribuem para a aceitação, o respeito, com as diferenças... (aluna do 1º ano).

Os processos de discriminação também se dão no contexto escolar e assumem diversas manifestações. Na maioria das vezes, a interação entre os diferentes está marcada por situações de exclusão e violência, situações que ficam evidenciadas nas falas do/a estudante. De acordo com Candau (2011) na nossa sociedade há uma dinâmica de construção de situações de apartação social e cultural que acabam por determinar o distanciamento de grupos cujas identidades culturais se diferenciam por questões de raça, etnia, religião, gênero etc.

Em relação às aulas de Educação Física, perguntamos como as questões de gênero e sexualidade aparecem durante as vivências corporais.

Na aula de Educação Física é menino com menino e menina com menina, se misturar não pode. Futebol é de menino e queimado é de menina, tem essa separação... mas até que o menino entra no queimado, mas se tiver faltando menino, por exemplo, pra jogar futebol, eles tiram outro menino, mas não colocam menina pra ocupar a vaga. Menino só sabe jogar futebol e menina só sabe jogar queimado (aluna do 2º ano).

Sobre este aspecto, Louro (2003) argumenta que, se em outras áreas escolares as diferenças de gênero aparecem de forma implícita, é na Educação Física que esse processo se torna mais explícito e evidente. Para a autora, mesmo que os/as professores/as venham atuando em regime de coeducação, a Educação Física parece ser a área onde a resistência ao trabalho integrado persiste e se renova.

O discurso biológico, ainda muito presente na disciplina, reforça a ideia de que as mulheres são, fisicamente, menos capazes do que os homens o que resulta na diferenciação de maneiras de ser e viver segundo os papéis determinados socialmente para diferentes gêneros. Percebemos na fala da estudante uma diferenciação na forma

como vivenciam as atividades propostas nas aulas de Educação Física e, por conseguinte uma ausência de intervenção pedagógica que seja favorável ao debate de gênero e sexualidade e a superação das desigualdades e preconceitos.

Sobre as formas pelas quais podemos transformar a realidade desigual presente na sociedade brasileira em relação às questões de gênero e sexualidade, destacamos algumas percepções dos/as estudantes que consideramos relevantes para o presente estudo.

Eu acho que a nossa geração vai ser bem mais pra frente do que a geração passada...vai ser muito mais aberta à aceitação, às novas tecnologias e isso vai ajudar as pessoas a se respeitarem... (aluno do 3º ano).

A gente resolve o preconceito com a quebra da ignorância... no primeiro passo é saber o que significa a palavra preconceito como a ideia que você já tem sobre aquilo que você nem conhece...então você tem que conhecer de verdade. O preconceito é comum, pra muita gente é normal, todo mundo tem preconceito, mas tem que mudar isso... (aluno do 3º ano).

Acho que a escola tinha que fazer projetos, palestras, é muito legal...pra desconstruir a cabeça dos preconceituosos... (aluna do 2º ano).

Nesses depoimentos, percebemos o quanto os/as jovens entrevistados demonstram consciência em relação à importância do combate ao preconceito e o reconhecimento das questões de gênero e sexualidade e, nesse sentido, entendemos que é um dever da escola contribuir para a formação desses/as jovens, no intuito de possibilitar espaços de diálogo e troca com o diferente e, com isso, agir na construção de uma sociedade mais livre e democrática.

Para Goellner (2014) falar de educação dos gêneros e sexualidades implica em entender que os sujeitos são plurais e que essa pluralidade precisa ser reconhecida e valorizada com todas as suas singularidades.

Nesse sentido, a autora destaca que:

Para tanto é necessário, de antemão, rejeitar os rótulos que aprisionam, engessam e fixam os sujeitos, enredando-os em representações que os nomeiam como feio ou bonito, apto ou inapto, saudável ou doente, normal ou desviante, masculino ou feminino, heterossexual ou homossexual. (GOELLNER, 2014, p. 77).

Deste modo, na escola, precisamos identificar e ressignificar práticas que reforçam *discriminações* e *exclusões*, ampliando possibilidades de intervenção junto aos sujeitos, com relação às práticas corporais e esportivas, onde estudantes possam exercer sua cidadania e liberdade constituindo-se como sujeitos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as percepções dos/as estudantes, entendemos que na aula de Educação Física a resistência ao trabalho integrado entre meninos e meninas é uma realidade, onde a partir de um viés biológico marcado historicamente, a prática desta disciplina foi se construindo sob uma ótica monocultural baseada na cultura branca, masculina e heterossexual.

Nessa direção, a Educação Física pautado na perspectiva da educação intercultural abre espaço para o estudo das práticas sociais e corporais pertencentes aos grupos desfavorecidos, desde os esportes, danças, lutas e ginásticas até as brincadeiras e jogos. Reconhece que todos/as os/as estudantes possuem conhecimentos construídos socialmente que devem ser ampliados e transformados em função da construção de novas identidades abertas às diferenças e aos desafios impostos pela sociedade excludente e desigual na qual estamos inseridos/as.

Assim, acreditamos que ao problematizarmos com os/as estudantes as desigualdades de gênero e sexualidade presentes no espaço das aulas e agirmos no sentido de superar preconceitos e discriminações podemos vislumbrar a construção de uma sociedade justa, plural, democrática e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H; AYOUB, E; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos Feministas**, n. 19, v. 2, p. 491-501, maio-agosto/2011.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M.(Org.) **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Cap. 1, p. 13-37.



GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.W. e GASKELL (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 64 a 89.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L; NECKEL, J. F; GOELLNER, S.V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade** – Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, cap. 2, p. 28-40.

_____. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação.** 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003

NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura.** São Paulo: Phorte, 2009.

SARAIVA, M. DO C. **Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é um mito.** 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, p. 71-99, Jul-Dez, 1995.